



CÔ A VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 8 – ano de 2006

CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2006



**ACTAS DO II CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA
DE TRÁS-OS-MONTES, ALTO DOURO
E BEIRA INTERIOR**

PUBLICAÇÃO A CARGO DOS SERVIÇOS
CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 8 – ano de 2006

Este número de CÔAVISÃO publica exclusivamente as Actas
do II Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior,
organizado entre 19 e 21 de Maio de 2005, em Vila Nova de Foz Côa

Trabalho coordenado por:
António do Nascimento Sá Coixão

Foto da capa:
Pormenor de Arquitectura rural na freguesia de Sto. Amaro

Composição e impressão:
Tipografia Lobão, Lda.
Rua Quinta do Gato Bravo, 5
2810-069 Almada
Tel. 21 255 98 90 – Fax 21 255 98 99
geral@tipografialobao.pt www.tipografialobao.pt

Depósito Legal:
242718/06

ISBN 972-8763-16-6

EDIÇÃO:

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

2006

Índice

Prefácio	5
<i>Emílio António Pessoa Mesquita, Presidente da Câmara de Vila Nova de Foz Côa</i>	
Introdução	7
<i>António do Nascimento Sá Coixão</i>	
Metalurgia de Ervamoira – Vale do Côa: estudo das peças	9
<i>J.A. Gonçalves Guimarães e Eva Baptista</i>	
O sítio arqueológico da Quinta dos Bons Ares, Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa	17
<i>J. A. Gonçalves Guimarães</i>	
Objectos arqueológicos e outros de Trás-os-Montes e Alto Douro na Colecção Marciano Azuaga (Solar Condes de Resende, Vila Nova de Gaia)	25
<i>J. A. Gonçalves Guimarães, Eva Baptista e Fátima Teixeira</i>	
Agricultura y antropización del paisaje en Portugal desde una perspectiva palinológica.....	41
<i>José Antonio López Sáez, Domingos J. Cruz</i>	
Métodos de Mapeamento das Dinâmicas Erosivas em Acção nos Painéis de Arte Rupestre do Vale do Côa	50
<i>António Pedro Batarda Fernandes, Maria T. Rico e Jennifer K. K. Huang</i>	
A Ponte internacional de Barca d'Alva - La Fregeneda no contexto da construção da Linha do Douro até Salamanca	60
<i>Emilio Rivas Calvo e Carlos d'Abreu</i>	
A Ponte ferro-rodoviária do Pocinho – um monumento da Arqueologia Industrial que urge preservar	90
<i>Carlos d'Abreu e Emilio Rivas Calvo</i>	
Escavar na Língua.....	112
<i>António Alberto Rodrigues Trabulo</i>	
O Sítio Arqueológico do Rumansil I	118
<i>António N. Sá Coixão e Tony Silvino</i>	
A arte rupestre no concelho de Tondela: Uma perspectiva diacrónica.....	138
<i>André Tomás Santos, António Cheney e Augusto Jorge Avelaira</i>	
Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca....	156
<i>António Martinho Baptista, André Tomás Santos e Dalila Correia</i>	
Relatório das escavações arqueológicas do ano de 2005 – Sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)	185
<i>Vítor Oliveira Jorge, João Muralha, Leonor Sousa Pereira, Ana Margarida Vale, Gonçalo Leite Velho e António Sá Coixão</i>	
Achegas para o estudo do povoamento calcolítico da Beira Interior. O pequeno habitat das Carvalheiras (Sabugal)	205
<i>Elisabete Robalo e Marcos Osório</i>	

Relatório das escavações arqueológicas do ano de 2005

Sítio de Castanheiro do Vento

(Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)

Vítor Oliveira Jorge¹, João Muralha², Leonor Sousa Pereira³,
Ana Margarida Vale⁴, Gonçalo Leite Velho⁵ e António Sá Coixão⁶

1. Localização da Estação

Castanheiro do Vento situa-se na freguesia de Horta do Douro, Concelho de Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda, no Nordeste de Portugal.

Segundo a *Carta Militar de Portugal*, à escala 1: 25 000 (folha 140) e recorrendo a um ponto central da estação, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 41° 03' 49" Lat. N. e 07° 19' 18" Long. W. Gr.

Como já referido em publicações anteriores, Castanheiro do Vento implanta-se num monte de substrato xistoso de planta sub-circular cujo topo se define pela curva de nível dos 720 metros. Actualmente, conserva uma área preservada de cerca de 100 metros, no sentido Norte/ Sul, e de 80 metros, no sentido Este/ Oeste, coberta por vegetação arbustiva e por alguns amontoados de pedras, provavelmente pertencentes a estruturas pré-históricas que foram sendo desmontadas ao longo dos tempos.

Todavia, a dispersão de materiais visíveis à superfície estende-se quer para Sul, numa plataforma com mais de 100 metros de extensão, actualmente ocupada por uma plantação de cerejeiras, quer para Norte e Este numa sequência de rampas ou plataformas destruídas pela abertura de valas destinadas ao plantio de eucaliptos.

Estamos perante uma “colina monumentalizada” com um amplo domínio visual tanto para o vale da ribeira da Teja (a Este), como para o vale do rio Torto (a Oeste), marcada pela presença do Homem desde o Calcolítico/ primeira metade da Idade do Bronze (c. 2900 e 1500 a.C.). No entanto, estima-se que o âmbito cronológico da estação se estenda até ao Bronze Final e Idade do Ferro. Esta dedução tem como base a recolha de um fragmento de cerâmica excisa assim como de uma peça em electro e duas pequenas placas que parecem apontar para este último período cronológico. A estes dados acrescentam-se os resultados das análises de C14

¹ DCTP-FLUP. E-mail: vojorge@clix.pt

² Estudante de Doutoramento, Universidade do Porto. Bolseiro da FCT. E-mail: jmuralha@gmail.com

³ IPA-Extensão de Vila do Conde. E-mail: leonorsp@gmail.com

⁴ Estudante de Doutoramento, Universidade do Porto. Bolseira da FCT. E-mail: anavale@iol.pt

⁵ Docente no IPT, estudante de doutoramento, Universidade do Porto, E-mail: gonvelho@ipt.pt

⁶ Presidente da ACDR de Freixo de Numão. E-mail: freixo.acdr@clix.pt

que forneceram várias datas tardias, claramente atribuíveis à Idade do Ferro (entre os sécs. VIII e IV a.C.), relacionadas aparentemente com “estruturas de combustão” dispersas pelo sítio.

2. Objectivos da intervenção arqueológica de 2006

Os objectivos a atingir de qualquer intervenção arqueológica estão sempre associados às verbas disponíveis. Infelizmente a actividade arqueológica em Portugal, não é considerada uma prioridade. Os consecutivos Planos Nacionais de Trabalhos Arqueológicos, não têm conseguido financiar, nem pequenos, nem grandes projectos de investigação. Sem o recurso às autarquias, aos fundos comunitários europeus ou a instituições privadas, a arqueologia desaparecia. Foi em finais de 2003 que a equipa coordenadora da intervenção em Castanheiro do Vento, decidiu candidatar-se a diversos projectos de âmbito europeu. A importância da estação e das problemáticas que levantava, não se coadunava com campanhas de trabalhos de 15 dias anuais, com pequenas equipas e meios sofríveis. Desta forma, os objectivos traçados poderiam ser mais ambiciosos, se os meios existissem.

Definimos assim, como principais objectivos:

- a) Continuação da exumação do murete a Este e Oeste do bastião G, escavado, nas suas linhas delimitadoras no final da campanha de 2004.
- b) Escavação das estruturas sub-circulares ovaladas geminadas localizadas junto ao murete e junto ao bastião G.
- c) Abertura de novas áreas de escavação para uma área onde havia indícios de uma grande estrutura tipo Torre.

Como no decurso do Inverno de 2004/2005, uma candidatura a um programa Interreg foi aprovada e devidamente negociada, houve a possibilidade de aumentar os dias de trabalho em campo e melhorar os objectivos anteriormente traçados, pelo menos na tentativa de se definir mais e melhor o “design” do sítio. Este projecto foi elaborado em conjunto pela ACDR de Freixo de Numão e pela Universidade de Salamanca, ficando a Prof. Dr.^a Socorro López Plaza como responsável da equipa salmantina.

Outro factor importante foi a integração das escavações no projecto “ArchSigns - Prehistoric architectures, the building of the monumental Europe” financiado através do programa Cultura 2000, projecto este que envolveu a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a Universidade de Málaga e a

Universidade de Montpellier. A intervenção em Castanheiro do Vento assume-se assim como um espaço de intercâmbio para investigadores que trabalham sobre o tema das arquitecturas pré-históricas.

O objectivo é dinamizar sinergias criando as bases para uma rede europeia temática que tem em Freixo de Numão um lugar de encontro e de reflexão. Este esforço no sentido de estabelecer parcerias a nível internacional foi reforçado com a presença de outros investigadores que não se encontravam inicialmente afectos ao projecto, nomeadamente da Dr.^a Lesley McFadyen, que não só participou activamente na campanha de escavações como também apresentou uma pequena palestra no auditório municipal de Vila Nova de Foz Côa, permitindo assim trazer um contributo, dinamizando culturalmente a comunidade local e abrindo a porta para outras sinergias entre o projecto de investigação e a população.

Os trabalhos arqueológicos decorreram entre 3 de Julho e 23 de Setembro de 2005 e contaram com a presença de toda a equipa responsável, assim como com o apoio de alunos universitários em regime de avaliação e voluntariado e ainda de colaboradores que têm vindo a desenvolver trabalhos científicos na região⁷. Durante o mês de Junho, e devido ao reforço do financiamento por parte do projecto Interreg, uma equipa reduzida procedeu ao corte e remoção de todo o mato existente no cabeço e durante o mês de Outubro⁸, uma equipa de dois elementos efectuaram todos os registos gráficos de áreas que ainda não tinham sido objecto desta acção⁹.

3. Metodologia

Empregou-se a seguinte metodologia:

- Alargamento da área de escavação em quadrículas de 2m x 2m. No total iniciou-se a escavação de 339 quadrículas, perfazendo um total de 1356m²;
- Decapagem dos sedimentos por camadas naturais;
- Desenho à escala 1:20 de planos e perfis;
- Crivagem de terras provenientes de contextos específicos;
- Registo fotográfico com recurso a máquinas digitais. Paralelamente foram realizadas filmagens;

No final dos trabalhos as estruturas postas a descoberto foram protegidas com manga plástica coberta com pedras e/ ou gravilha;

O espólio cerâmico e lítico encontra-se em fase de tratamento (lavagem e marcação) e estudo;

⁷ Colaboradores: José Manuel Varela, Maria de Lurdes Oliveira, Cláudia Costa, Bárbara Carvalho, Sara Luz, e Clara Gaspar.

⁸ João Muralha, Bárbara Carvalho, José Brochas e Carlos Recto.

⁹ Bárbara Carvalho e João Muralha.

Foram seleccionados ecofactos para análises:

- Antracologia: Seguiram para o Laboratório de Botânica da Universidade de Montpellier (França), onde serão estudados pela Dr^a Isabel Figueiral;
- Radiocarbono: As análises de radiocarbono foram efectuadas no Department of Engineering Sciences, Division of Ion Physics – Uppsala Universitet., Suécia. O seu resultado encontra-se no ponto 6 deste trabalho.
- Fauna: Encontra-se em estudo pela Dr^a Cláudia Costa que iniciou a sua dissertação de mestrado em Arqueozoologia na Universidade do Algarve, com materiais provenientes de Castanheiro do Vento, e pelo Prof. João Luís Cardoso.

Uma amostragem selectiva de material cerâmico, assim como de espólio metálico será remetido ao ITN para análise ao abrigo dos concursos: *Caracterização química de cerâmicas arqueológicas*, categoria A e *Caracterização química de metais e ligas metálicas pré-históricas*, categoria B.

4. Descrição dos trabalhos

4.1 Descrição sumária dos trabalhos de 2005

Esquemáticamente foram efectuadas as seguintes acções:

- a) Desmatção e remoção de toda a vegetação arbustiva que não só barrava a livre circulação das pessoas na área do sítio arqueológico, como impedia o avanço da escavação em outras zonas. Por outro lado a percepção da dimensão do sítio ampliou-se consideravelmente.
- b) Limpeza e quadriculagem da área a interencionar, na continuidade do que havia sido feito em 2004, mas ampliando significativamente para Oeste e Norte. Continuou-se a acção de desobstrução das várias zonas, de muitas pedras acumuladas, de forma caótica, dispersa ou concentrada, pelos trabalhos agrícolas que ali se faziam.
- c) Decapagem superficial (dificultada pelas raízes dos carrascos que são abundantes e profundas), e registo das estruturas visíveis ao nível de uma planta geral, inteligível do sítio. Durante este ano de 2005, a área interior ao murete 1 não foi objecto de trabalhos. Iniciamos os trabalhos para Este e Oeste do bastião G. Esta decapagem permitiu ver e registar um conjunto de estruturas que passamos a descrever um pouco mais pormenorizadamente¹⁰. Mas antes de passarmos a essa descrição, torna-se importante uma pequena nota explicativa em relação à nomenclatura adoptada. Nos relatórios

¹⁰ Ver croquis geral da estação, para localização das estruturas descritas em texto.

anteriores descrevia-se o recinto como m1 (murete1), tendo um conjunto de bastiões incorporados. Descrevia-se igualmente um outro recinto, anexo, igualmente com bastiões e entradas (recinto anexo). No entanto, o evoluir da escavação durante os três meses permitiu-nos observar uma realidade mais complexa. Assim optámos por definir uma nova nomenclatura em relação às estruturas exumadas:

- **Murete 1 (M1)** – Linha exterior de murete. Constituída por um conjunto de troços de murete e bastiões. Têm uma tendência curvilínea.
- **Recinto secundário (RS)** – Intersecta o murete 1 na periferia a SE. Possui duas entradas e dois bastiões.
- **Murete 2 (M2)** – Segunda linha de murete. Constituída por um conjunto de troços de murete e bastiões. Têm igualmente uma tendência curvilínea.
- **Murete 3 (M3)** – Terceira linha de murete. Constituída por um conjunto de troços de murete e bastiões. Têm igualmente uma tendência curvilínea. No estado actual dos nossos conhecimentos parece ser a linha que define o Recinto Principal.
- **Recinto Principal (RP)** – Recinto definido pela linha de murete 3. Neste momento o único elemento conhecido no interior deste recinto é uma grande estrutura circular que se denominou Grande Torre (descrita em baixo).

Em relação aos elementos arquitectónicos definidores do sítio, definimos os seguintes:

- **Bastião H (BH)** – Bastião em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo bastião, mas de vão aberto, na sua parte interna. A decapagem desta estrutura forneceu um conjunto apreciável de fauna. Este bastião parece estar relacionado com uma estrutura (n.º4) localizada imediatamente a Norte.
- **Estrutura circular (n.º4) (Ec4)** – Definida por pedras obliquamente dispostas (parte superior voltada para fora). Isto é, a parede deste tipo de estruturas não assentava num murete, mas possivelmente num entrançado de ramos revestido a argila. As bases deste entrançado iriam encaixar-se entre as pedras da periferia da estrutura.
- **Estrutura circular (n.º5) (Ec5)** – Em tudo idêntica à anterior, com a diferença de que as pedras que a definiam eram constituídas por elementos de moinhos de granito, fracturados. Em redor desta estrutura, não se detectou a continuação do murete.
- **Estrutura circular (n.º3) (Ec3)** – Idêntica à Ec4, embora de raio mais pequeno. Foi integralmente escavada, até à sua linha basal, oferecendo um sedimento homogéneo e muito argiloso.
- **Estruturas geminadas (n.ºs 1,2 e 6) (Eg1/2/6)** – Localizadas junto à face exterior do Recinto Intermédio, entre os bastiões G e I. São estruturas acopladas umas às outras, onde as lajes delimitantes de uma podem servir (na face oposta) de laje delimitante da estrutura adjacente. A estrutura 1, já tinha

sido detectada no final da escavação de 2004, mas apenas em 2005 é que se procedeu à sua correcta delimitação, acabando por se detectar as outras. As estruturas 1 e 2 possuíam um pequeno nível de lajes de xisto muito fracturadas no seu topo.

- **Bastião I (BI)** – Bastião em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo bastião, mas de vão aberto, na sua parte interna.

- **Bastião J (BJ)** – Bastião em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo bastião, mas de vão aberto, na sua parte interna. A decapagem superficial do interior deste bastião, permitiu definir uma micro-estrutura definida por elementos de moinho fracturados, à semelhança do bastião A, D e F, e ainda todo um interior estruturado em pequenos espaços.

A ligação entre o bastião I e o J é definida por dois muretes de curvatura longa, um unindo efectivamente os dois bastiões, outro, partindo do bastião I e terminando a meio do primeiro murete.

O prolongamento do murete para Norte, após a definição da concavidade produzida pelo bastião J, termina numa **Passagem (n.º6)**. O murete parece ter sofrido uma alteração, com o propósito de o monumentalizar. Esta passagem muito estreita (0,60m) foi colmatada pela construção de um troço de murete que faz a ligação entre o murete 2 e o murete 3. O lado Norte da passagem 6 é definido por um troço de murete quase triangular, estando o seu topo Norte junto ao bastião K.

- **Estrutura circular (n.º12) (Ec12)** – Pequena estrutura sub-circular detectada numa área de difícil compreensão, pois toda esta zona junto ao murete de planta triangular, parece estar muito alterada por problemas pós-deposicionais.

- **Bastião K (BK)** – Bastião em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo bastião, mas de vão aberto, na sua parte interna. A decapagem superficial deste bastião permitiu definir uma estrutura circular no seu interior encostada à parede norte.

- **Estrutura circular (n.º10) (Ec10)** – Embora pareça ser uma estrutura sub-circular, a sua escavação não foi feita, apenas se delimitou o topo das lajes de xisto que a estruturavam.

- **Estruturas geminadas (n.ºs 7, 8 e 9) (Eg7/8/9)** – Localizadas num espaço delimitado, junto ao murete de união entre o murete 2 e 3. A existência a Norte de um pequeno murete, no final do bastião K, parece circunscrever este espaço.

Entre o bastião K e o L, foi detectada uma outra **Passagem (n.º7)**. Não se encontra monumentalizada, pelo menos no estado actual da sua escavação. O seu eixo de acesso não se encontra ainda bem definido, e não foram encontradas estruturas de colmatação.

- **Bastião L (BL)** – Bastião em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo bastião, mas de vão aberto, na sua parte interna.

O troço de murete que continua para NO após a curvatura do bastião L, termina num pequeno troço de murete, que inflecte para NE e subitamente termina. Embora a decapagem nesta área não tenha sido abandonada, não se detectou nenhum alinhamento a Norte deste.

O murete que define o **Recinto Principal**, embora descrito anteriormente, foi detectado em processo de escavação, quando se definia o murete que partia junto à passagem 6 e que depois se veio a perceber que terminava no centro da curvatura do bastião M. Este recinto aparenta ter uma forma ovalada, embora a sua delimitação ainda não esteja definida.

- **Bastião M (BM)** – Bastião em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo bastião, mas de vão aberto, na sua parte interna.

A escavação arqueológica efectuada neste recinto, apenas decapou as camadas superficiais de modo a se ter uma leitura perceptível do design desse recinto. Para Sul do bastião M, o recinto continua com um pequeno troço de murete e outro bastião.

- **Bastião P (BP)** – Bastião em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo bastião, mas de vão aberto, na sua parte interna. Apenas se definiram os seus alinhamentos. Adossado à parede externa desta estrutura, existe um pequeno murete de apenas 2,5m de carácter monumental que termina num vão. Após essa abertura, o murete parece continuar, mas não houve oportunidade para se tentar definir melhor esta zona pois a escavação estava a terminar. No entanto, aparenta ser uma **passagem (9)**.

Para Norte do bastião M, além de um pequeno troço de murete rectilíneo, detectou-se outra **passagem (8)**, bem definida e sem estruturas de colmatação.

- **Bastião N (BN)** – Bastião em forma de “D”, que consiste numa estrutura de vão muito aberto, neste caso, assemelhando-se a uma metade de círculo. Encontra-se voltado para a zona mais central do recinto interior/complexo.

- **Bastião O (BO)** – Estrutura em forma de bastião mas destruída na sua área Norte, impedindo uma mais correcta interpretação da estrutura.

Perto do final dos trabalhos arqueológicos detectou-se uma estrutura circular que denominamos de **Torre Principal** – Consiste numa estrutura monumental localizada na possível área interna do recinto principal. A sua complexidade é grande e encontra-se ainda em processo de escavação. Tem a NO e a SE uma complexa **contrafortagem** à qual, a SE, encostam duas estruturas geminadas; **estruturas geminadas (n.ºs 11 e 13)** (Eg11/13).

- d) Cobertura com gravilha, para protecção, do interior das estruturas mais escavadas, ou que apresentavam uma maior fragilidade. Caso das estruturas circular e/ou ovaladas e das estruturas geminadas. Toda a estação arqueológica foi posteriormente tapada com manga plástica.
- e) Continuação da prospecção em zonas lavradas a Sul da área mais central do sítio e nas encostas, com o objectivo não só de melhor aferir a extensão da estação arqueológica como de se detectar eventuais áreas, não muito destruídas, ao longo da colina, para posterior trabalhos de escavação.

5. Conclusões dos trabalhos de 2005

Após a campanha de 2005, podemos ressaltar os seguintes tópicos:

- A crescente importância e extensão do sítio.
- A complexidade estrutural da estação arqueológica: três recintos delimitados por muretes de carácter rectilíneo e curvilíneo, bastiões, estruturas circulares e estruturas geminadas.
- A grande importância dos bastiões, inseridos nos diversos muretes, como elementos criativos de espaços internos circunscritos, com micro-estruturas em xisto e granito. A existência de 14 bastiões (em 16), em forma de D, definidos como uma estrutura do tipo bastião, mas aparentemente “aberta” na parte interna, embora só a escavação exaustiva dessas estruturas e do seu entorno possa esclarecer como era antes da sua “fase final” (fechamento, enchimento, oclusão/colmatação).
- O sítio, na sua generalidade, parece ter uma configuração oval, e a estruturação do seu espaço interno parece complexificar-se à medida que nos aproximamos de uma hipotética área central.
- Embora não se tenham detectado mais estruturas tipo rampa/talude monumental, cada vez se acentua mais a monumentalidade do lugar. As áreas de contrafortagem junto à torre assim como a própria torre, como que virada a uma zona onde foram detectados vestígios de rampas, monumentalizariam todo o topo do sítio, a quem o olhasse de Norte e NE. Se se vier a comprovar a existência de estruturas semelhantes a Oeste, estas deveriam acentuar visualmente, não só de Norte o lugar, mas igualmente de uma área ainda pouco estudada, como é a zona Oeste.
- A constatação da existência de dois tipos de passagem; uma não monumentalizada, onde se detecta apenas uma interrupção espacial no murete pressupondo a presença de um vão; outra mais complexa na sua estruturação, onde provavelmente as estruturas de colmatação tinham um significado especial.

- A constatação da existência de contextos bem preservados, não só no interior dos bastiões, como na generalidade da área intra e entre recintos.
- Por último a importância que assume o estudo desta estação como complemento de Castelo Velho de Freixo de Numão, e como elemento de um futuro circuito arqueológico pré-histórico, que não pode nem deve esgotar-se na visita às gravuras do Vale do Côa.

6. Breves considerações sobre a estratigrafia e cronologia do sítio.

Embora não tenha sido tomada uma opção deliberada de escavação em profundidade, estes três meses de trabalho permitiram-nos efectuar alguns ajustes às diversas camadas detectadas. Podemos assim, no estado actual dos nossos conhecimentos, constatar os seguintes níveis:

Nível estratigráfico 1 – camada 1 que corresponde ao solo humoso.

Nível estratigráfico 2 – camada 2 que corresponde a uma camada provavelmente com estruturas, mas muito destruídas pelas raízes e pela constante agricultura do local.

Nível estratigráfico 3 – corresponde à vida do sítio durante os III e II milénios a.C. e quando ali se faziam construções monumentais. É, como o nível anterior uma convenção puramente operatória. Subdivide-se esta camada em 3b e 3c – corresponde à vida do sítio durante o III milénio a.C. (primeira metade?) quando ainda não possuímos provas de ali se fazerem construções monumentais. É, como os dois níveis anteriores uma convenção puramente operatória.

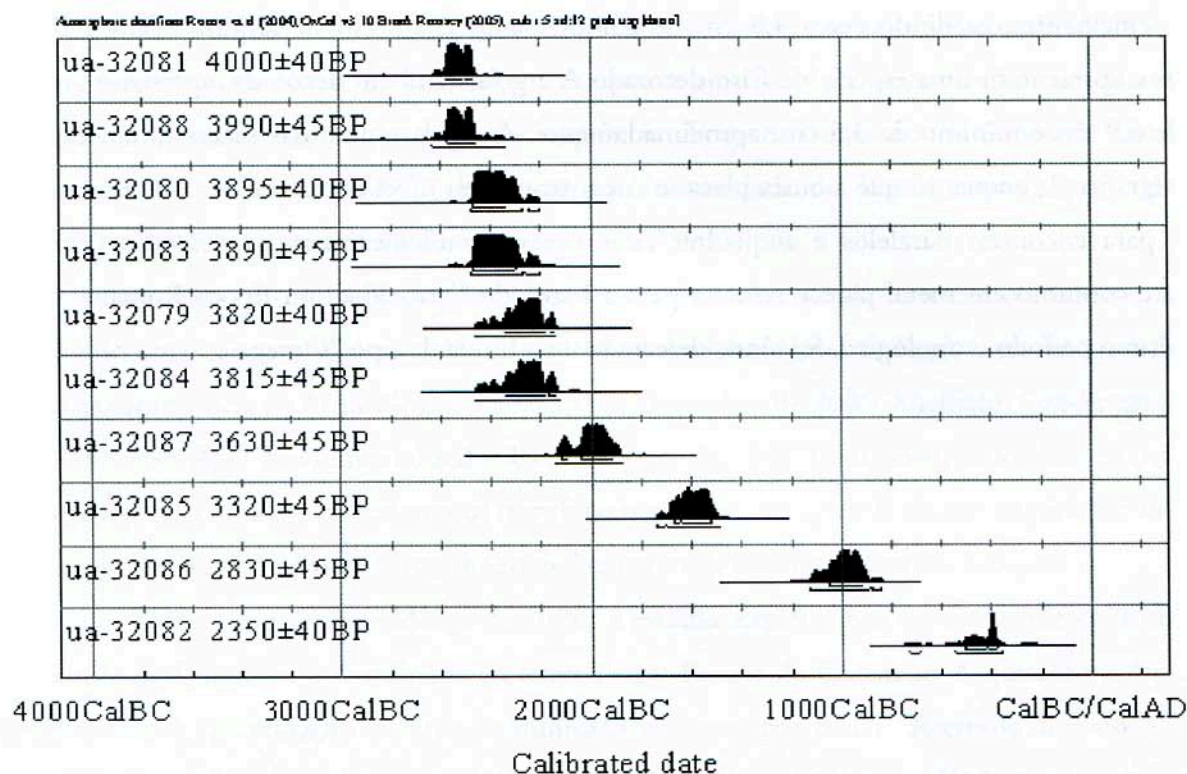
Em relação à cronologia do sítio, esta parece ser idêntica em termos gerais, a Castelo Velho de Freixo de Numão, estação de referência para o estudo desta região, durante o III e II milénio a.C.

O quadro seguinte sintetiza a informação das datações da campanha de 2005.

Datas calibradas a 2 sigma	Comentários	Número do laboratório
2630-2450 cal BC	Perto da face interna do murete 2. Sedimentos cinzentos, da camada 3. Relaciona-se com as estruturas principais do sítio.	Ua-32081
2630-2340 cal BC	Entre pedras de contrafortagem do recinto secundário. Na camada 3. Neste caso pode corresponder à construção da contrafortagem neste local.	Ua-32088
2480-2200 cal BC	Interior da estrutura circular 3, numa área com argila queimada. Todos os sedimentos desta estrutura eram argilosos e amarelados.	Ua-32080
2480-2200 cal BC	Entre o murete 2 e o 3. Perto do bastião “L”. Camada 3.	Ua-32083
2460-2130 cal BC	Na entrada do bastião “K”. Na camada 3.	Ua-32084
2140-1880 cal BC	Interior da estrutura circular 6, geminada com a 1 e 2. Camada 3.	Ua-32087
1740-1490 cal BC	Contrafortagem interna da estrutura denominada “Torre Principal”. O interior desta estrutura ainda não se encontra completamente escavada.	Ua-32085
1670-1450 cal BC	Junto ao grupo de estruturas geminadas números 1,2 e 6. Camada 3.	Ua-32079
1130-840 cal BC	Topo da camada 3, do bastião “J”. Nível de pequenas pedras.	Ua-32086
730-360 cal BC	Área de intersecção das estruturas geminadas 11 e 13, conectadas à “Torre Principal”.	Ua-32082

Datações calibradas BC a 1 e 2 sigma.

Programa Oxcal v3.1.



7. Materiais

Ao longo desta campanha foram recolhidos milhares de artefactos; fragmentos cerâmicos, “pesos de tear”, moinhos manuais em granito geralmente fragmentados, percutores (em quartzo e quartzito), seixos de rio em quartzito, lascas e núcleos de quartzo, algumas pontas de seta, entre muitos outros. Ocorre ainda barro de revestimento, em algumas áreas muito abundante, repisando a ideia de que a argila tinha um papel extremamente relevante em toda a técnica construtiva.

A cerâmica decorada apresenta abundantes tipos de decorações recorrendo às técnicas da incisão e impressão, destacando-se o vasto e variado conjunto de decorações “impressas penteadas”. Os padrões adquirem uma variedade muito grande. No nível estratigráfico 1 (definido em cima), ocorrem cerâmicas com decorações plásticas (cordões e mamilos).

Salienta-se a recolha de dois fragmentos de bordo (provavelmente pertencentes ao mesmo vaso), que tipologicamente se enquadram no Campaniforme Internacional Marítimo. São perceptíveis várias bandas

decoradas por impressão, paralelas ao bordo, preenchidas por linhas obliquas (em relação ao bordo), com direcções alternadas de banda para banda.

Recolheram-se ainda algumas peças metálicas, constituídas por duas placas e uma argola. As placas em metal são semelhantes, medindo cerca 4,8 cm de comprimento e 2,8 cm de largura. Têm ambas quatro perfurações e apresentam uma espécie de friso decorado. A argola, também decorada, apresenta um diâmetro máximo de 6,9 cm e mínimo de 3,5 cm, aproximadamente. A argola e uma das placas foram exumadas no nível estratigráfico 1, enquanto que a outra placa se encontrou já no nível estratigráfico 2. Apesar dos esforços da equipa para encontrar paralelos e enquadrar estas peças cronologicamente, as dúvidas persistem. No entanto, este conjunto em metal parece remeter para a Idade do Ferro Final ou Época Romana. Conectado com este último período cronológico, foi ainda detectada uma fíbula de tipo “Ómega”.

8. Perspectivas para 2006

Está previsto que as escavações decorram durante dois meses, Julho e Agosto. Durante o primeiro mês, com uma pequena equipa de cerca de 10 pessoas. Em Agosto, haverá um reforço substancial da componente humana, e espera-se escavar com 35 pessoas em campo. A continuidade dos trabalhos em Castanheiro do Vento é muito importante não só porque é de frequência obrigatória para alguns alunos da licenciatura em Arqueologia ministrada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, como alguns desses alunos escolheram aspectos do sítio para efectuarem a sua tese de licenciatura.

Por outro lado, a importância do sítio, tem sido referenciada internacionalmente, não só na apresentação de uma comunicação ao TAG (Theoretical Archaeological Group), uma das maiores reuniões internacionais sobre teoria da Arqueologia, realizado em Dezembro de 2005, Sheffield, Grã-Bretanha que teve por título “Copper Age “monumentalized hills” of Iberia: the shift from positivistic ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques of transforming place and space from our experience in the NE of Portugal”, como na participação de Castanheiro do Vento em projectos de âmbito europeu.

Entre o final da escavação e Março de 2006, a estação arqueológica foi divulgada no âmbito da 10ª Mesa Redonda da Primavera subordinada ao tema Terra: Forma de Construir Arquitectura-Antropologia-Arqueologia, com a apresentação de uma comunicação que teve por título “Recintos murados e/ou colinas monumentalizadas no Nordeste de Portugal? O caso de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz-Côa”.

As escavações de 2006, deverão incidir prioritariamente:

- Estudo exaustivo da Torre Principal;
- Alargamento da escavação (decapagem em área e registo de estruturas em desenho e fotografia), para Sul, no recinto interior/complexo;
- Ligação das áreas escavadas em redor da Torre Principal e do recinto intermédio.
- Iniciar o estudo da área Oeste da estação arqueológica.

9. Portal na Internet

A intervenção arqueológica em Castanheiro do Vento, hoje insere-se num projecto mais vasto que objectiva o estudo das arquitecturas pré-históricas e consta do seguinte portal da Internet: www.architectures.home.sapo.pt da autoria de Gonçalo Leite Velho.

Bibliografia básica

- JORGE, Susana Oliveira, JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá, (2004), “Reflexões preliminares a propósito de formas de organização do espaço e de técnicas de construção em sítios pré-históricos recentes (Calcolítico/Idade do Bronze) do tipo de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins”, *Sinais de Pedra – 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*, Évora, Janeiro de 2003, edição electrónica.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2005), “Morfologia Construtiva do Recinto pré-histórico de Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas “estruturas de condenação”, *Almadan*, II série, nº13, pp. 25-35.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2002a), “Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro)”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, 4, pp. 73-93.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2002b), “Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/ Bronze age sites in northern Portugal”, *Monuments and Landscape in Atlantic Europe* (ed. Chris Scarre), Londres, Routledge, pp.36-50.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003a), “O Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003, *Portugália*, Nova Série, vol. XXIV, Porto, DCTP, FLUP, pp.5-24.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003b), “Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, 5.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003c), Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998-2002); *Journal of Iberian Archaeology*, Vol. 5.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003d), “A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (Vª Nª de Foz Côa) ”, *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/ Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, pp.79-114.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá, VALE, Ana Margarida (2004), “O recinto monumental pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª. Nª. de Foz Côa), após os trabalhos de 2003. Breve relatório, *Côavisão, Cultura e Ciência*, 6.

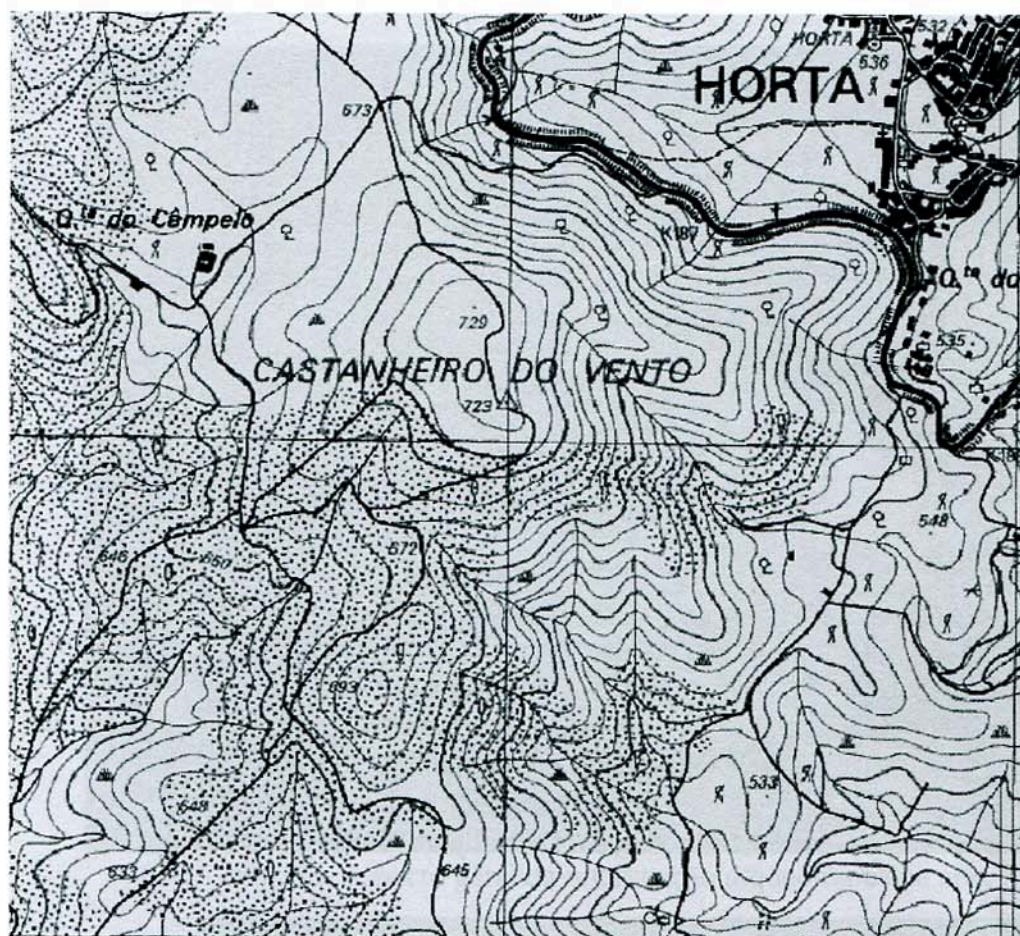
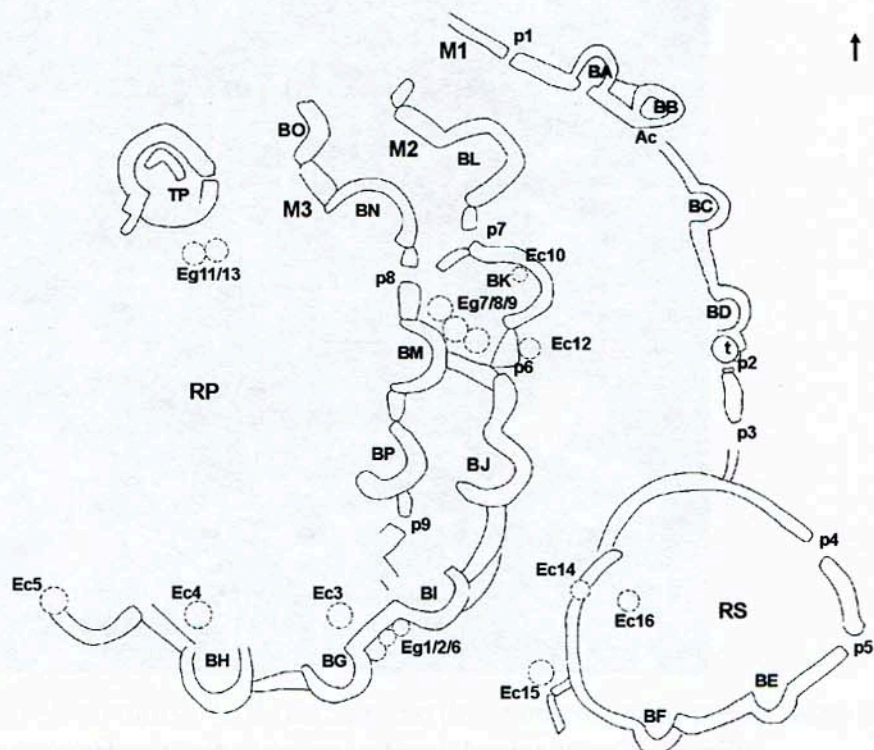


Fig.1 – Localização de Castanheiro do Vento na carta militar 140.

Fig. 2 – Croquis geral da estação no contexto do topo da colina, com a localização das principais estruturas arquitectónicas detectadas até ao presente, configurando uma complexidade muito grande.



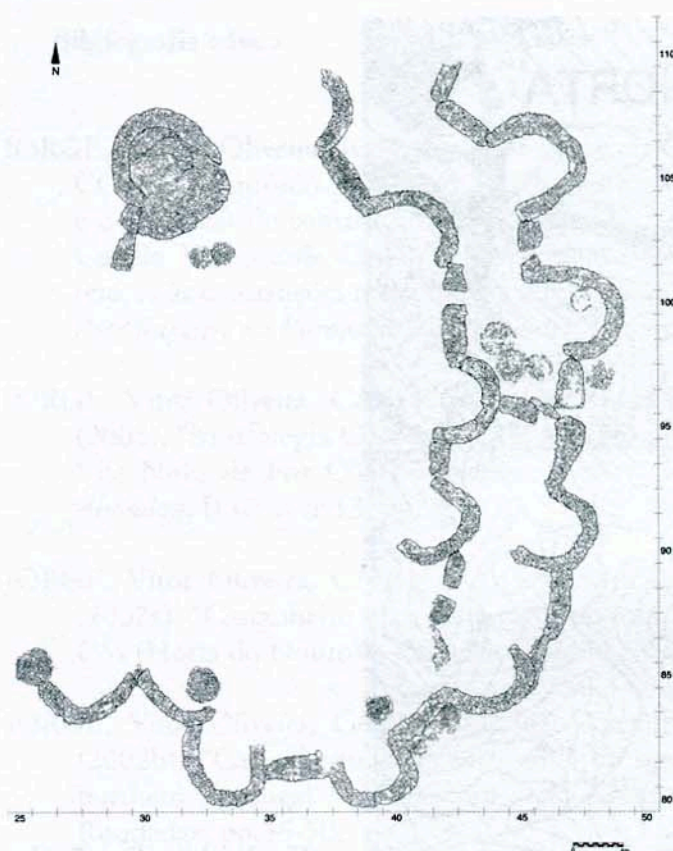


Fig. 3 – Planta das estruturas mais importantes detectadas em Castanheiro do Vento. Área Este da intervenção. De Sul para Norte:

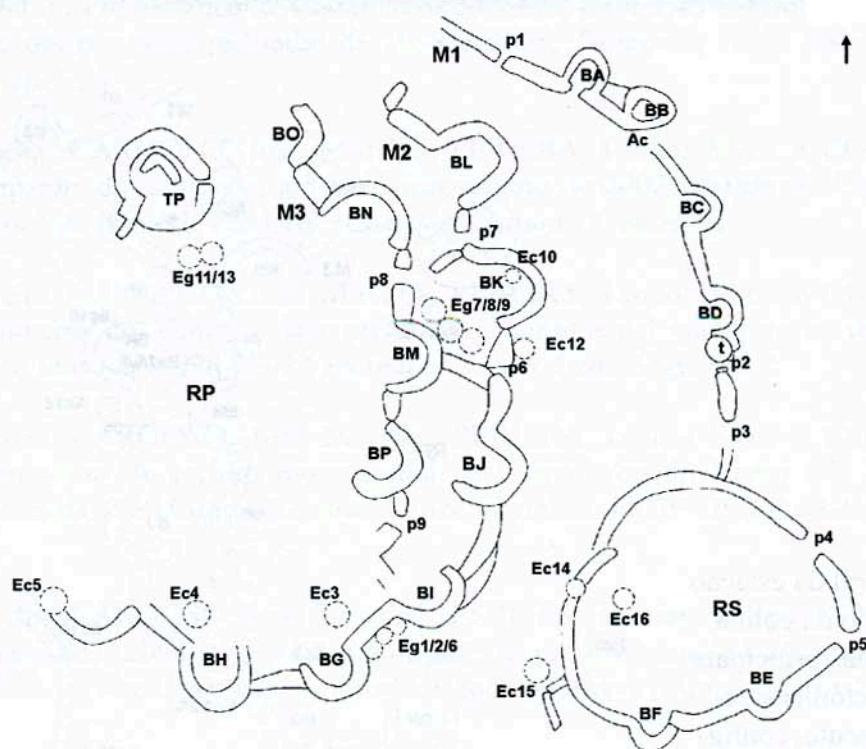


Fig. 4 – Croquis geral do sítio, com a indicação da nomenclatura utilizada em texto.



Fig. 5 – Aspecto geral da intervenção arqueológica na área Este do sítio.

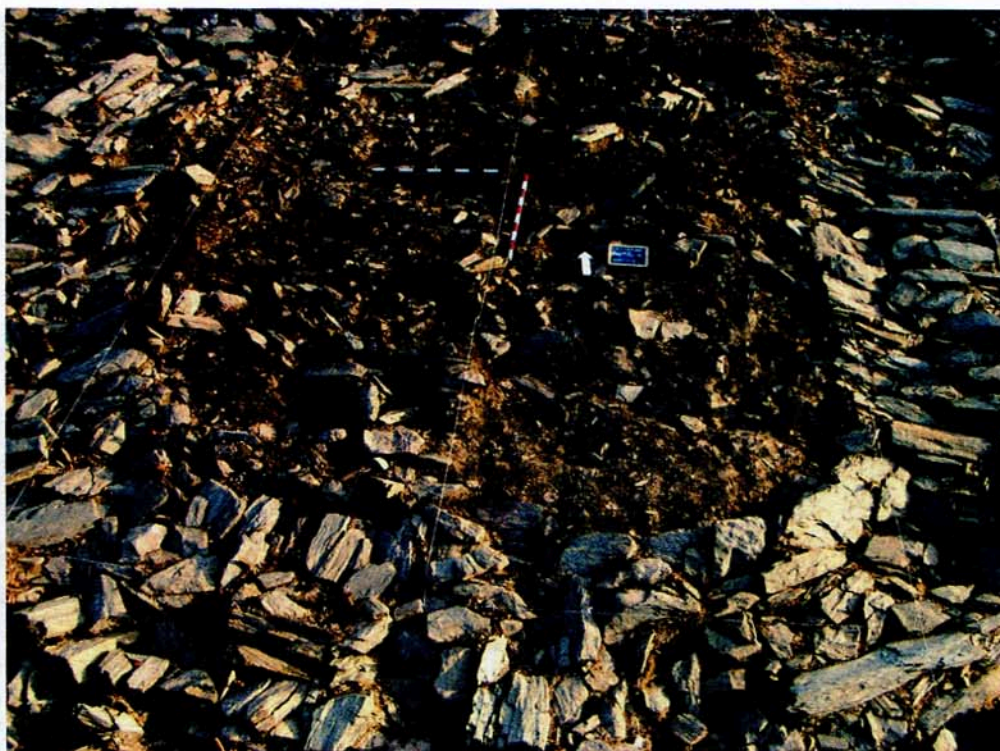


Fig. 6 – Aspecto do interior do Bastião H, no momento de decapagem dos inúmeros vestígios de ossos de animais encontrados.



Fig. 7 – Aspecto geral da decapagem do interior do Bastião J. É visível as duas pequenas estruturas compostas por elementos de moinho.



Fig. 8 – Fase inicial de decapagem da estrutura circular 4.

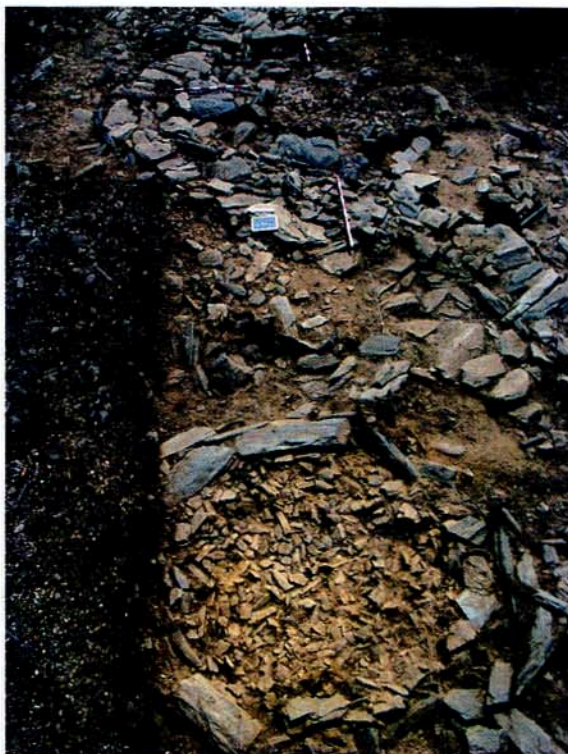


Fig. 9 – Em primeiro plano, a estrutura circular 3, numa fase inicial sua decapagem. Em último plano, depois do murete, são visíveis as estruturas geminadas 1 e 2.



Fig. 10 – “Torre Principal”, localizada no interior do provável recinto principal. Em primeiro plano é visível a contrafortagem desta estrutura.



Fig. 11 – Aspecto geral após decapagem das estruturas geminadas 11 e 13, localizadas junto à “Torre Principal”.



Fig. 12 – Aspecto de parte da estação arqueológica após a acção de protecção levada a cabo no final dos trabalhos.

ERRATA

A figura 2 da página 199 passa a ser a seguinte.

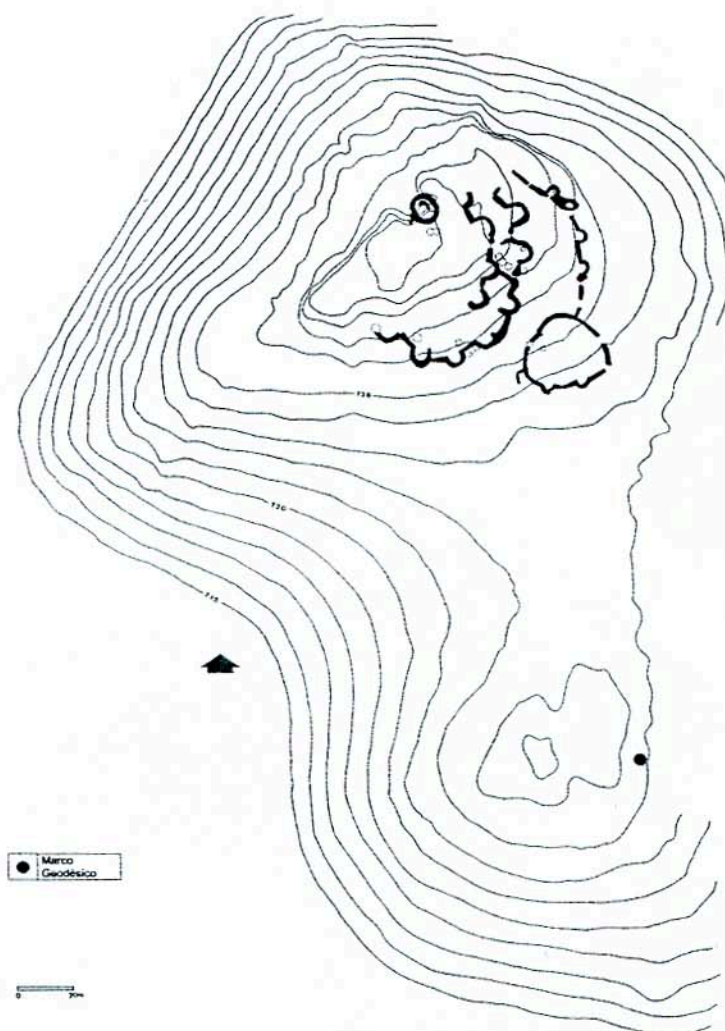


Fig. 2 – Croquis geral da estação no contexto do topo da colina, com a localização das principais estruturas arquitectónicas detectadas até ao presente, configurando uma complexidade muito grande.